

CONCEPTUALIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO SEMÂNTICA LEXICAL: RELAÇÕES

Maria Aparecida Barbosa*

RESUMO: Este trabalho propõe-se a examinar aspectos importantes dos níveis conceptual e lexemático do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação. O estudo das estruturas e funções das unidades-padrão do plano cognitivo e do plano semiótico tem grande relevância, no âmbito das pesquisas lexicológicas, semânticas e terminológicas. São analisadas, aqui, de um lado, a complexidade estrutural e funcional dos constructos de cada um desses níveis, com vistas à proposição de uma tipologia de campos conceituais e de campos lexicais; de outro, as diferentes redes de relações intra e interconjuntos conceptuais e lexicais.

Palavras-chave: Arquiconceptus; Conceptus; Metaconceptus; Semântica Cognitiva; Semântica Lexical

0. INTRODUÇÃO

A articulação entre a semântica cognitiva e a semântica lingüística tornou-se um dos paradigmas das ciências da linguagem, em sua fase pós-moderna. Acreditamos, pois, da maior importância o desenvolvimento de modelos que possibilitem analisar e descrever o patamar da cognição e suas relações com o patamar da semiotização lingüística. Assim,

(*) Professora do Departamento de Lingüística da FFLCH-USP.

nós nos propusemos, neste trabalho, aspectos importantes dos níveis conceptual e lexemático do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação. O estudo das estruturas e funções das unidades-padrão do plano cognitivo e do plano semiótico tem grande relevância, no âmbito das pesquisas lexicológicas, semânticas e terminológicas. Analisamos, aqui, de um lado, a complexidade estrutural e funcional dos *constructos* de cada um desses níveis, com vistas à proposição de uma *tipologia* de *campos conceptuais* e de *campos lexicais*; de outro, as diferentes redes de relações intra e interconjuntos conceptuais e lexicais.

Constatamos a diversidade organizacional do *conceptus*, com seus sucessivos conjuntos de traços caracterizadores – dos biológicos aos ideológicos –, bem como a existência do processo de neutralização, também no plano conceptual, de que resulta o *arquiconceptus*. Pudemos construir modelos que permitissem a descrição da estruturas dos *campos conceptuais unitário e múltiplo*, de seus respectivos *arquiconceptus*, como dos vários tipos de *campos lexicais* e dos correspondentes *arquissmemas* e *arquilexemas*, numa perspectiva mono e plurilíngüe. O modelo foi aqui aplicado na análise da formação do *conceptus* correspondente ao termo *transgênico*, apresentando resultados bastante satisfatórios.

1. A ORGANIZAÇÃO DOS PATAMARES CONCEPTUAL E LEXICAL: TIPOS DE CAMPOS CONCEPTUAIS E LEXICAIS

Propomo-nos, aqui, conforme apontamos na introdução deste trabalho, a descrever a organização dos diferentes tipos de campos conceptuais e de campos lexicais, bem como as relações que se estabelecem entre os elementos do conjunto dos primeiros e os do conjuntos dos últimos, buscando, por outro lado, mostrar as diferenças nocionais e estruturais entre campo conceptual, campo lexical, campo semântico e res-

pectivas unidades-padrão: *conceptus*, lexemas/vocábulos/termos, sememas.

Essa questão insere-se no modelo do percurso gerativo de enunciação de codificação e de decodificação, pois cada um daqueles campos situa-se em diferentes patamares desse percurso: o campo conceptual, conjunto de *conceptus*, é resultado do processo de *conceptualização* do ‘saber sobre o mundo’ – pré-lingüístico, pré-semiótico, trans-semiótico; o campo lexical, conjunto de lexemas, lexias, vocábulo/termos que têm um núcleo sêmico comum, resulta do processo de *lexemização* – conversão da informação conceptualizada em significação lingüística; o campo semântico, em uma de suas acepções, constitui um conjunto de sememas e resulta da intersecção do significado das unidades lexicais de um campo lexical. As relações existentes entre os três campos não são simétricas, visto que um campo lexical pressupõe e contém necessariamente os seus correspondentes campo conceptual e campo semântico; entretanto, um campo conceptual pode não ter, ainda, os campos lexicais e semânticos que lhes corresponderiam. Constituem, pois, *constructos* não confundíveis, na medida em que pertencem a níveis de articulação e de análise distintos.

2. ESTRUTURAÇÃO DO PATAMAR CONCEPTUAL

Um *conceptus*, em sentido amplo, constitui, conforme expusemos acima, um ‘modelo mental’ (Rastier, 1991), dialeticamente articulado a um recorte cultural ou *designatum*. É um conjunto de traços semânticos conceptuais que apresenta grande complexidade estrutural: um subconjunto de noemas (Pottier, 1992), biofísicos ou ‘universais’, *conceptus stricto sensu*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, culturais, *metaconceptus*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, intencionais, moda-

lizadores, *metametaconceptus*. Neste último, o noema [intenção] é o mais importante, por oposição ao [ideológico] do subconjunto anterior, não tão marcado como o [intencional]. Esses três subconjuntos formam o *conceptus lato sensu*.

Julgamos importante ressaltar que, ao engendrar-se um *conceptus*, geram-se, simultânea e necessariamente, três outros *conceptus*: seu contrário e os contraditórios decorrentes, já que o raciocínio do homem funciona por oposições, dentre as quais, relações entre contrários e contraditórios.

Desse modo, ao criar-se o *conceptus* <<bem>>, por exemplo, concomitantemente engendra-se o seu contrário, <<mal>>, e seus respectivos contraditórios, <<~bem>> e <<~mal>>:

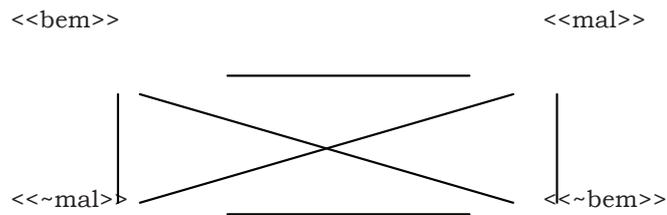


Figura 1

onde << >> = conjunto de traços semânticos conceptuais, ou semema conceptual.

Essas relações ‘necessárias’ e ‘não-eventuais’ nos autorizam a conceber o processo da *intertextualidade lato sensu* como iniciando-se já no patamar conceptual do percurso gerativo da enunciação, pois um *conceptus* liga-se necessariamente a outro *conceptus*, constituindo um microssistema conceptual.

Assim, um *conceptus lato sensu* é um campo conceptual, já que, implicitamente contém esses três outros *conceptus*. Chamaremos esse caso de *campo conceptual unitário ple-*

no, por oposição ao *campo conceptual unitário vazio* (\emptyset).

Diferente é a organização do *campo conceptual conjunto múltiplo*, que contém vários *conceptus lato sensu* explicitados, com um núcleo sêmico comum, apresentando, cada um deles, implicitamente, seus *conceptus contrários e contraditórios*.

Retomando o subconjunto de noemas ‘universais’, que aqui denominamos *conceptus stricto sensu*, numa outra perspectiva – a da análise contrastiva, entre grupos socioculturais diferentes, e a da análise comparativa entre subgrupos de uma mesma cultura, chegamos à noção de *arquiconceptus*.

O conjunto de traços semânticos conceptuais de natureza ‘universal’ corresponde a um *arquiconceptus* (Béjoint e Thoiron, 1996), já que neutraliza as diferenças conceptuais entre línguas diferentes. Estaria relacionado ao *protótipo* (Dubois, 1991) e à intersecção do *sentido recortado culturalmente* ou *formado* de Hjelmslev (1975). Sustenta e viabiliza os processos de *tradutibilidade interlingüística e intersemiótica*.

Se compararmos o recorte conceptual de um ‘fato’ natural, de uma língua A e de uma língua B, diremos que os traços comuns constituem o seu *arquiconceptus*, que denominaremos *arquiconceptus₁*. Logo:

$$\begin{aligned} \text{arquiconceptus}_1 &\subset \text{conceptus}_1 \text{ de língua;} \\ \text{arquiconceptus}_1 &\subset \text{conceptus}_1 \text{ de língua B.} \end{aligned}$$

Segundo Béjoint e Thoiron, “l’archi-concept est vu ici comme une entité abstraite dont le statut, au plan philosophique, ne nous concerne pas. On reconnaitra seulement que l’archi-concept est en correspondance dans les diverses cultures, avec divers concepts. Le degré de similitude entre concepts, dits ici homologues, n’est pas préjugé (*i.e.* ni sous-estimé ni décrété *a priori*): il peut être grand ou faible(...) ceci permet de reconstruire, pour chacune de ces langues, un embrion de concept. La réunion de ces ensembles embrion-

naires de traits conceptuels constituerait l’embriion d’un archi-concept...” (1996: 516-617). A última parte da citação nos remete inclusive ao processo de passagem do sentido amorfo, estruturável, ao sentido formado, estruturado (Hjelmslev, 1975), porém comum, *mutatis mutandis*.

Diríamos, pois, que o processo de conceptualização, como percurso, é muito mais complexo do que a passagem do ‘sentido amorfo’ para o ‘sentido formado’, tal como o explica Hjelmslev. Há etapas teóricas constitutivas do processo de conceptualização, entre um e outro. Entretanto, na passagem do patamar da percepção ao da conceptualização, convém distinguir três estágios de atributos semânticos: as *latências* entendem-se como os atributos semânticos possíveis dos ‘objetos’ e ‘processos’ da semiótica natural; as *saliências*, como os atributos que se destacam, na estrutura, funcionamento e hierarquia dos ‘fatos naturais’ (“o perceber”), as *pregnâncias*, (“o conceber”), por sua vez, constituem o resultado da atividade do homem, das *escolhas* que faz na *apreensão* daqueles ‘fatos’ (Pais, 1999b).

Assim, entre o sentido estruturável e o sentido estruturado, há a formação de um protótipo conceptual biofísico, núcleo noêmico comum a todas as culturas, que corresponderia ao *arquiconceptus*, ou *conceptus stricto sensu*, primeiro nível de “formação”, resultante das latências e saliências (Pottier, 1992). Entretanto, no processo de pregnâncias, começam a ficar visíveis os noemas culturais, específicos de cada cultura, correspondentes ao *metaconceptus*, segundo nível de “formação”, e, no interior de uma mesma cultura, os discursos ‘políticos’ eufóricos ou disfóricos sobre o mesmo fato engendram o *metametaconceptus*, subconjunto dos traços semântico-conceptuais modalizadores. Esquemáticamente, temos:

ras e, também, no âmbito da mesma língua e cultura, no exame da *variação conceptual* do mesmo ‘fato’: assegura o rigor do estudo da variabilidade e das identidades conceptuais do mesmo ‘fato’, inter-culturas e inter-grupos.

Creemos que essa noção de *arquiconceptus* completa as formalizações já existentes, que descrevem as estruturas do patamar cognitivo. É de se ressaltar, ainda, o isomorfismo, ou identidade formal entre os processos de neutralização fonológica, morfológica, lexical, semântica, conceptual, mesmo textual e seus respectivos produtos: *arquifonema*, *arquimorfema*, *arquilexema*, *arquisssemema*, *arquiconceptus*, *arquitexto* (Rastier, 2000), este último resultado da neutralização das diferenças existentes entre textos implicados num processo de intertextualidade.

As reflexões acima nos autorizam a propor uma tipologia de campos conceptuais (Cf. Barbosa, 2000), segundo o critério do número de elementos, da qualidade e quantidade de elementos que contêm: campo conceptual como conjunto unitário, campo conceptual como conjunto vazio, campo conceptual como conjunto múltiplo, este último, por sua vez, constitutivo de quatro tipos, o dos co-hipônimos da ‘semiótica natural’, o dos co-hipônimos culturais, o dos co-hipônimos modalizadores e o dos parassinônimos:

A. *Campo conceptual como conjunto unitário: <<Deus>>*

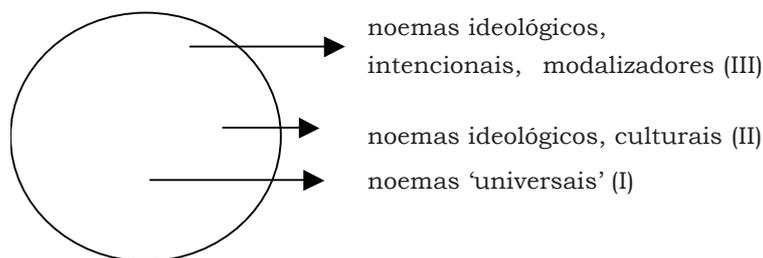


Figura 3

B. Campo conceptual como conjunto vazio (\emptyset): <<~Deus>>

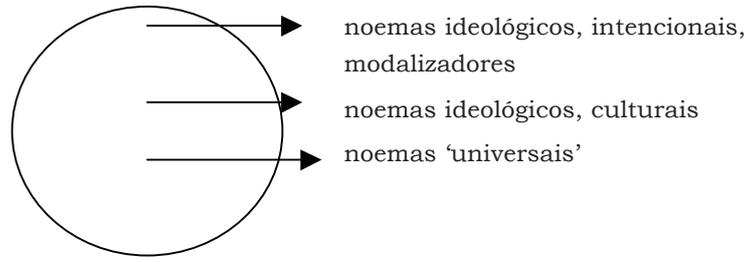


Figura 4

C. Campo conceptual como conjunto múltiplo:

C.1. Co-hipônimos da semiótica natural, com ênfase no subconjunto biológico: <<cão>>, <<gato>>

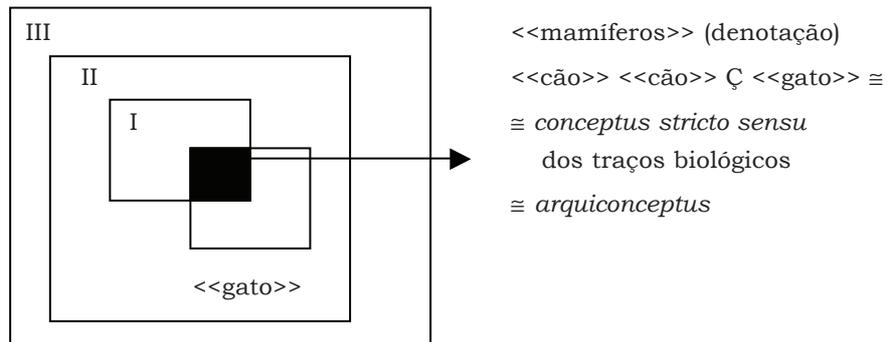
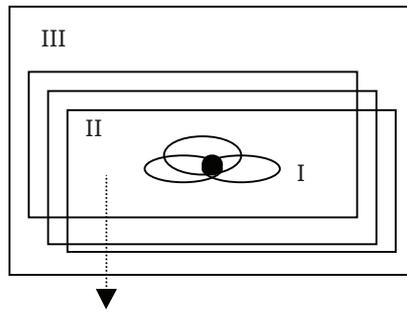


Figura 5

C.2. *Co-hipônimos da semiótica natural, com ênfase no subconjunto cultural: <<oliveira>>, <<palma>>, <<incenso>>:*



<<oliveira>> Ç <<palma>> Ç <<incenso>> @ <<plantas místicas>> @ metaconceptus (traços culturais)

Figura 6

C.3. *Co-hipônimos da semiótica cultural, conjunto dos subconjuntos de traços culturais e intencionais, modalizadores: <<globalização>>, <<mundialização>> (Barbosa, 1999)*

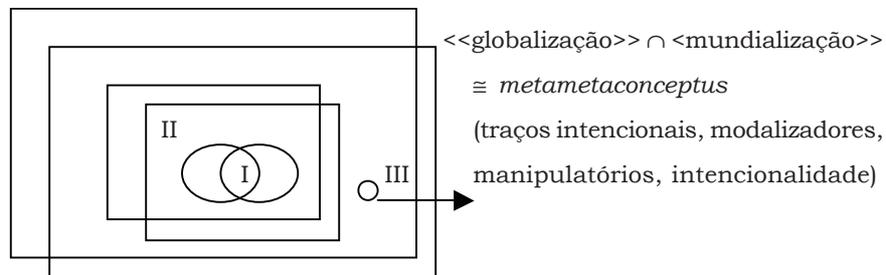


Figura 7

C.4. *Parassinônimos, da semiótica cultural, conjunto dos subconjuntos de traços culturais e intencionais, modalizadores: <<Presidente da República>> @ /Presidente da República/, /Primeiro Mandatário da Nação/, /Chefe de Estado/,...*

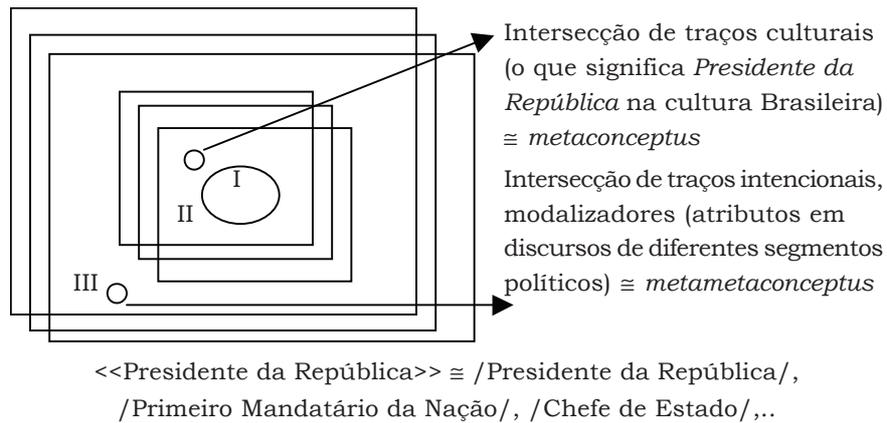


Figura 8

Todos os tipos acima examinados compreendem o *conceptus pleno, lato sensu*, que, por sua vez, contém o *arquiconceptus (conceptus stricto sensu)*, os *metaconceptus*, os *metametaconceptus*.

Assim, teremos, de modo geral, o esquema:

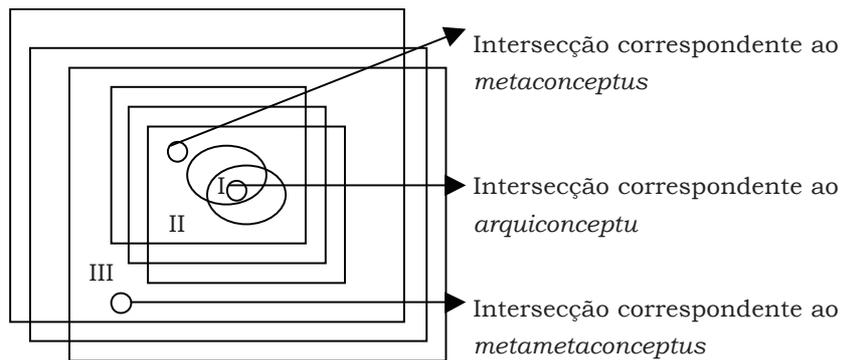


Figura 9

Observe-se que, no tipo C.4, ou seja, o dos parassinônimos, o campo conceptual é constituído de um *conceptus stricto sensu*, apenas, enquanto nos demais tipos (C.1, C.2, C.3), há vários *conceptus stricto sensu* com intersecções. Em outras palavras, os co-hipônimos têm referência cognitiva e conotativa diferentes, já os parassinônimos têm o mesmo referente cognitivo, mas têm referentes conotativos diferentes. Cumpre observar, ainda, que esses diversos referentes conotativos podem privilegiar o *metaconceptus*, que subjaz às várias manifestações lexicais de um mesmo *conceptus stricto sensu*, e/ou o *metametaconceptus*. Logo, essas formas apresentam diferenças noêmicas e semêmicas, reveladoras de variação cultural/ideológica, de tempo, de lugar (dialetos), de camada social (socioletos), de níveis de língua (de idioletos), de universos de discurso (tecnoletos, por exemplo), ou, ainda, privilegiar o *metametaconceptus*, isto é, os atributos semelhantes ou diferentes, reveladores de *intenções* distintas: indivíduo do grupo 1 usa preferencialmente a forma lexical 1; indivíduo do grupo 2 usa preferencialmente a forma lexical 2,... cada qual demonstrando suas intenções modalizadoras na seleção de uma delas.

3. UM MODELO DE ENGENDRAMENTO E ESTRUTURAÇÃO DE UM *CONCEPTUS LATO SENSU*: A FORMAÇÃO CONCEPTUAL DE <<TRANSGÊNICO>>

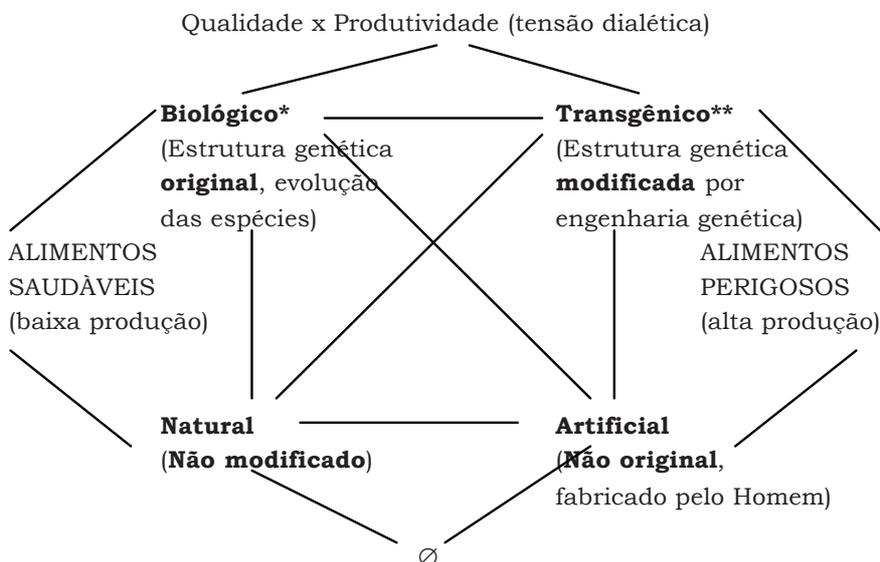
À guisa de ilustração, apresentamos a formação do *conceptus* de *transgênico*, na cultura brasileira. *Transgênico* é um termo técnico de grande atualidade e, como adjetivo, serve para qualificar seres biológicos, modificados em sua estrutura genética, através de tecnologias desenvolvidas pela engenharia genética. No seu núcleo sêmico conceptual, temos os semas conceptuais [+ser vivo], [+biologia], [+genética], [+estrutura], [+engenharia], [+tecnologia], [+mutação]. Aplica-se

preferencialmente à produção de alimentos. Os atributos semêmicos e semântico-conceptuais, nesse nível, configurariam a intersecção de todos os seres vivos e produtos *transgênicos*, no nível biológico e técnico, ou seja, o seu *arquiconceptus*.

Contudo, essa inovação nas técnicas de produção e, conseqüentemente, nos hábitos de consumo, desencadeou, em nível mundial, e, particularmente, em nosso país, ampla discussão. De um lado, temos os áulicos da ‘modernidade’ que defendem a produção e consumo de alimentos *transgênicos*, acentuando os semas conceptuais [+modernidade}, [+produtividade], [+fatura], [-preço]. De outro lado, temos biólogos, médicos e ecologistas, dentre outros, que apontam possíveis perigos da inovação e que realçam, por seu lado, os semas [+ser vivo], [+biologia}, [+alimento], [+natural], [+saudável]. [+seguro], [+preservação], [+meio ambiente], [+tradição] dos produtos alimentícios naturais, correspondentes, no nível cognitivo, ao *metaconceptus*.

A questão envolve problemas políticos, econômicos e sociais relevantes. Sucedem-se discursos favoráveis ou contrários, em tom sereno ou veemente, que compreendem semas conceptuais intencionais, modalizadores, manipulatórios, como, por exemplo, a oposição [+modernidade] / [+preservação], [+lucro] / [+saúde pública], dentre outros, correspondentes, por sua vez, no nível cognitivo ou hiperprofundo aos conjuntos semântico-conceptuais dos *metametaconceptus*.

Na análise dos discursos sobre essa temática, é possível detectar, no patamar da semântica profunda – do percurso gerativo da enunciação de codificação e decodificação (Pais, 1998: 271-311) – as tensões e conflitos em jogo, de modo a formalizar os microssistemas de valores subjacentes a esses discursos. Num modelo semiótico dialético, temos, em semântica profunda:



Termo neutro, nem natural, nem artificial (fora do sistema)

* BIOFATO ** BIOMANUFATO

Figura 10

Biológico implica *natural*, *transgênico* implica *artificial*. A combinação *biológico x natural* constitui a dêixis positiva *alimentos saudáveis*; a combinação *transgênico x artificial* constitui a dêixis negativa *alimentos perigosos*.

Assim, tomando por base as unidades léxicas, *designations*, que se manifestam em seus discursos, os semas que integram seus sememas lingüísticos, torna-se possível reconstituir o percurso do nível cognitivo ao nível semiótico, ou, noutras palavras, a passagem da conceptualização à lexemização, do *conceptus* à *denominatio*. Temos, então, uma reconstrução do *conceptus* <<transgênico>> e seus correspondentes *metaconceptus* e *metametaconceptus*.

Preliminarmente, retomamos o esquema inicial do *conceptus lato sensu*, aplicando-o ao *conceptus* <<transgênico>>:

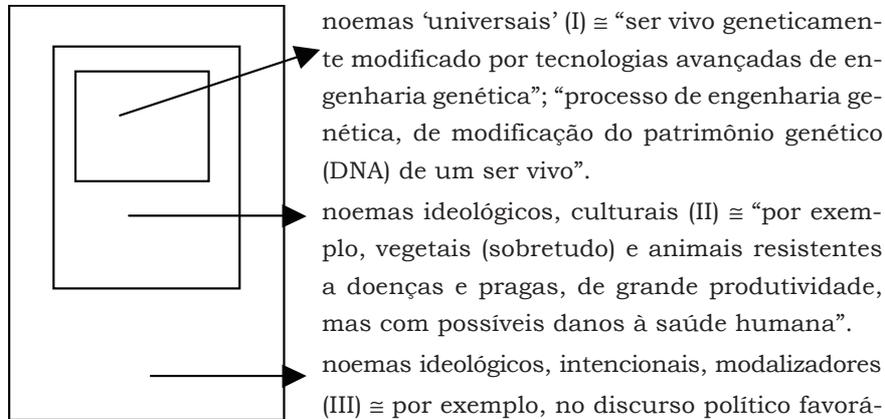
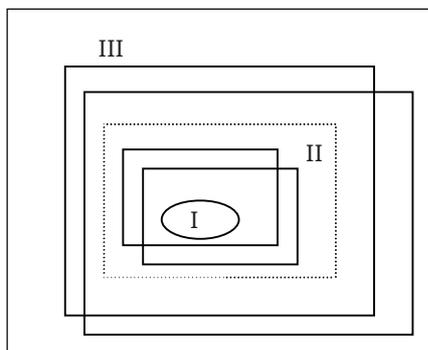


Figura 11

É possível aplicar o modelo geral acima apresentado ao *conceptus lato sensu* <<transgênico>>, de modo a construir uma formalização mais rigorosa do *campo conceptual como conjunto unitário*: <<transgênico>>, apresentando sua estruturação e as relações que se estabelecem no interior do *conceptus lato sensu* <<transgênico>> e os subconjuntos de traços semântico-conceptuais, ou seja, os *metaconceptus* e os *metametaconceptus* que o compõem. Temos, assim:

Campo conceptual como conjunto unitário: <<transgênico>>



onde:

Zonas de consenso

Zona do embate

I = {[+biológico], [+estrutura genética], [+tecnologia], [+mutação]} ≅ *arquiconceptus* <<transgênico>>
 ≅ conjunto de traços ‘universais’

II = {[+tecnologia], [+avanço], [+produtividade], [+inovação], [+artificial]} ≅ *metaconceptus*
 ≅ conjunto de traços ideológicos, culturais.

III-1 = {[+modernidade], [+fartura], [+economia], [-preço],
 ≅ conjunto de traços intencionais, modalizadores (do discurso favorável),

III-2 = {[+riscos], [-preservação], [-meio ambiente], [-tradição], [-natural]} ≅ *metametaconceptus*₂
 ≅ conjunto de traços intencionais, modalizadores, manipulatórios (do discurso contrário).

e onde: <<...>> = *conceptus* e [...] = traço semântico conceptual

Figura 12

Observemos que o subconjunto de traços semântico-conceptuais da Zona I, ‘universais’, definem o *arquiconceptus* como um *consenso*, relativo a aspectos da semiótica natural e da modificação, pelo homem, da semiótica natural, um “saber sobre o mundo” compartilhado pela comunidade.

Da mesma forma, os subconjuntos de traços semântico-conceptuais, ideológicos, culturais, constitutivos do *metaconceptus*, definem certo *consenso cultural*, outra faceta do “saber sobre o mundo” compartilhado pela mesma comunidade.

Enfim, a Zona III se divide em dois subconjuntos de traços semântico-conceptuais, que constituem, respectivamente, o *metametaconceptus*₁ e o *metametaconceptus*₂, enquanto conjuntos de traços intencionais, modalizadores, manipulatórios (dos discursos favorável e contrário).

Temos, então, a Zona III como *a zona do embate, do confronto*, particularmente no discurso político mas também nos discurso científico, tecnológico, econômico, etc.

Por outro lado, retomando o modelo semiótico e o modelo conceptual acima construídos, podemos opor <<biológico>> (≡ “estrutura genética original, resultado da evolução das espécies” e <<transgênico>> (≡ estrutura- genética modificada, por tecnologias da engenharia genética”), a que correspondem, respectivamente, como vimos, os *conceptus* <<artificial>> e <<natural>>, como também os termos que os manifestam.

O artigo publicado na *Gazeta Mercantil* (04/09/2000: A-12) ilustra a *zona de embate*:

“O Governo tem pressa para esclarecer as dúvidas que envolvem os organismos geneticamente modificados. Para isso, promove encontros com a mídia especializada e realiza palestras sobre biossegurança. A iniciativa coordenada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia busca dois objetivos: mostrar que o País tem uma legislação avançada sobre o assunto e que os técnicos brasileiros são capazes de distinguir o que faz bem à saúde do consumidor (...)

O governo brasileiro está convencido de que precisa passar urgentemente um rolo compressor nas dúvidas sobre os organismos geneticamente modificados (OGMs) no País. Começou a sua parte na semana passada. O Ministério da Ciência e Tecnologia armou um encontro entre o comando da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio)

e profissionais de mídia e interessados na divulgação do tema transgênicos para ensinar a relevância do jornalismo científico no mundo moderno.

Juntou técnicos renomados, todos membros da CTNBio, para palestra sobre biossegurança. “Estamos plenamente conscientes da necessidade de incorporar a informação científica ao cotidiano de nossa população, utilizando os meios de comunicação coletiva, impressos ou eletrônicos”, disse Esper Cavalheiro, secretário de Políticas e Programas de Ciência e Tecnologia, representante do ministro da pasta, Ronaldo Sardenberg, na abertura do encontro. A discussão sobre biossegurança envolve, há quase uma década, três corporações: cientistas, investidores e consumidores. Elas aparecem na composição da CTNBio, criada pelo governo em 1995. A maioria é cientista – por princípio, defensores da pesquisa. São ligados ao governo elo cordão umbilical de institutos de pesquisa e universidades estaduais e federais. Os representantes das gigantes Novartis e Monsanto, presentes na CTNBio, carregam posições óbvias. O maior esforço da equipe nesta ofensiva de divulgação dos transgênicos é para firmar duas coisas: que o País tem legislação avançada neste assunto e que os técnicos brasileiros têm capacidade profissional para discernir sobre o que faz e o que não faz mal à saúde do consumidor. Os consumidores, a parte que ainda falta ser convencida, contam com dois representantes: uma funcionária pública do governo do Pará e um advogado do Mato Grosso do Sul. Na próxima semana, o Centro de Estudos Estratégicos do Ministério da Ciência e Tecnologia volta ao tema, numa parceria com a Fundação Konrad Adenauer, de São Paulo. Serão dois dias, 14 e 15, de debates sobre desenvolvimento e ética na biotecnologia. Enquanto isso, vem sendo adiada a divulgação da portaria de regulamentação da rotulagem de produtos com OGMs”.

Temos, então, alimentos naturais x alimentos transgênicos como co-hipônimos da semiótica natural e cultural:

Alimentos naturais x alimentos transgênicos como co-hipônimos da semiótica natural e cultural:

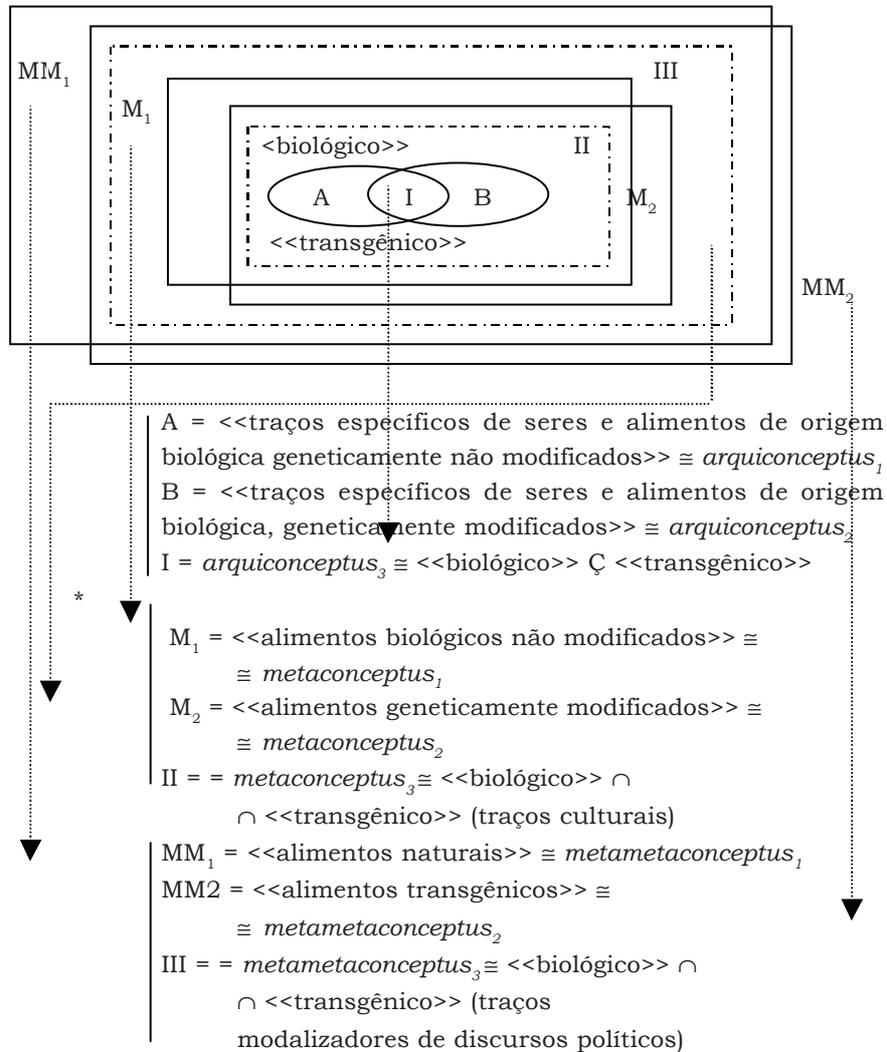


Figura 13

Ou, se preferirmos, de maneira mais específica, a formalização abaixo, que apresenta uma amostra não exaustiva mas, apenas, ilustrativa dos traços semântico-conceituais extraídos de discursos favoráveis ou contrários aos alimentos transgênicos:

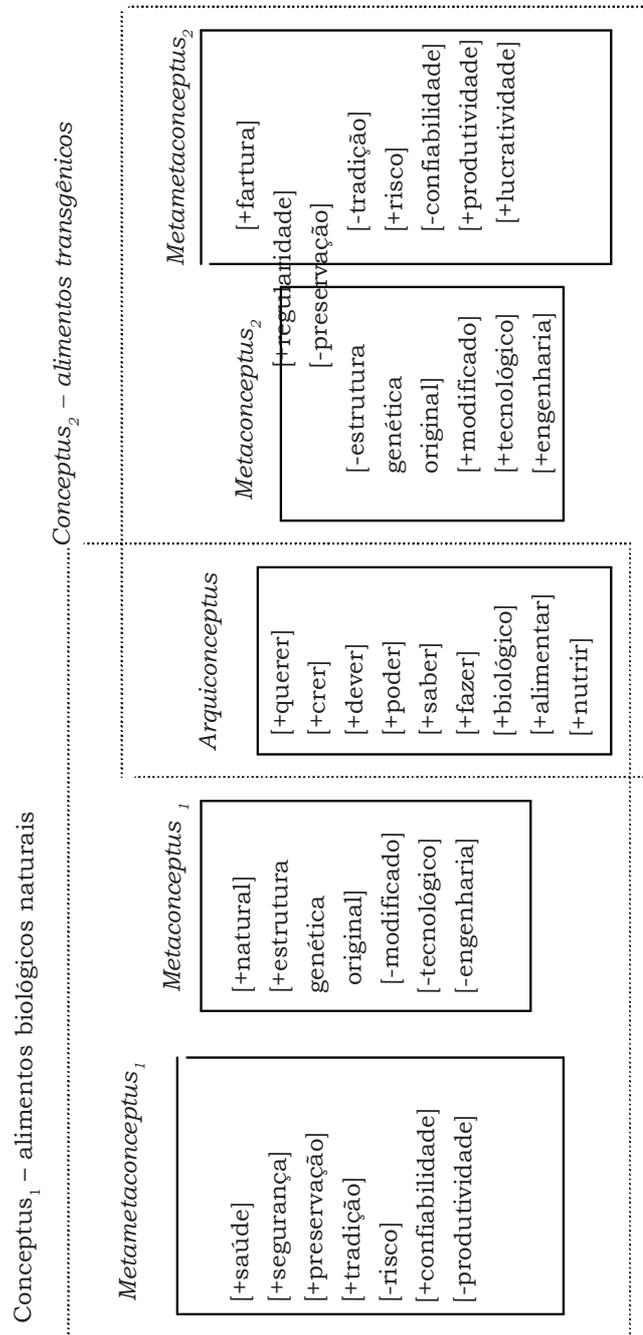


Figura 14: <<biológico>> x <<transgênico>>, no nível da semântica cognitiva

É de se ressaltar que não somente se tem uma configuração conceptual cada vez mais nítida e precisa de <<transgênico>>, correspondente ao termo *transgênico*, como também começa a se constituir um *campo lexical* progressivamente mais rico em unidades lexicais. No momento, cabe citar *seres transgênicos*, *organismos geneticamente modificados*, a sigla *OGMs*, dentre outros, que surgem como parassinônimos numa linguagem de especialidade.

4. ESTRUTURAÇÃO DO PATAMAR LEXICAL

Do mesmo modo que os campos conceptuais apresentam diferentes estruturas, os campos lexicais compreendem tipos diversos, segundo a natureza dos elementos neles contidos. Assim, há *campos lexicais unidimensionais*, que contêm um conjunto de unidades lexicais, de modo a configurar uma *gradação*, como, por exemplo, *gelado, frio, morno, quente*, etc.; há *campos lexicais bi e pluridimensionais*, que contêm elementos que mantêm apenas uma relação semântica e/ou sintática como *intersecção sêmica*. No segundo tipo, enquadram-se os campos lexicais de *sinônimos*, de *parassinônimos* e de *co-hipônimos* próximos e distantes, com diferenças estruturais e relacionais expressivas. Dessa maneira, consideram-se *sinônimos* apenas os elementos de um campo lexical que têm a *mesma referência cognitiva e conotativa* e, ainda, a *mesma distribuição*, isto é, formas lexicais comutáveis em todos os contextos; consideram-se *parassinônimos* as unidades lexicais de um campo que tenham a *mesma referência cognitiva* mas tenham *referências conotativas diferentes*, apresentando, além disso, *quase a mesma distribuição*; consideram-se *co-hipônimos*, as unidades lexicais de um campo que têm *referências cognitivas e conotativas distintas*, não têm a *mesma distribuição* e são dependentes de um *hiperônimo mediato ou imediato*.

5. ESTRUTURA, FUNÇÕES E VARIABILIDADE DA PARASSINONÍMIA

Dessas relações, focalizamos, aqui, apenas a da *parassinonímia*, que, por sua vez, compreende, dentre outros, os seguintes tipos: parassinônimos parafrásticos culturais; parassinônimos diacrônicos, diatópicos, diastráticos, diafásicos; parassinônimos pragmáticos; parassinônimos técnico-científicos e seus correspondentes banais. Com efeito, em todos esses casos, verifica-se entre as formas lexicais relacionadas a existência de um mesmo suporte referencial cognitivo e a evidente diferença de referencialidade conotativa de cada uma dessas formas. Conseqüentemente, não há entre elas uma homossemia total e, sim, parcial, o que inviabiliza o uso de uma pela outra, sem que isso gere alteração de sentido. Logo, essas formas, como dissemos acima, não têm a mesma distribuição, ou seja, não são comutáveis entre si, em todos os contextos.

Por outro lado, é preciso ressaltar que a parassinonímia não tem um valor absoluto, já que todo valor é relativo, relacional. Assim, a intersecção semântica entre duas ou mais unidades lexicais não lhes confere *a priori* o estatuto de parassinônimos, uma vez que esse estatuto é determinado por fatores diversos. Isso nos autoriza a afirmar que a relação de significação de parassinonímia é uma *função* (Barbosa, 1998a), no sentido Hjelmsleviano do termo, uma relação de dependência. Desse modo, a rede de relações da parassinonímia é reformulada e reestruturada em função do universo de discurso, da situação de enunciação, do contexto lingüístico e sociocultural. O mesmo vocábulo/termo (Barbosa, 1998a; 1998b) remete a *conceptus* e a *designata* diversos, reorganizados os campos lexicais, entrando em *redes conceptuais* diferentes, em redes de remissivas distintas, nas obras dicionarísticas. A título de ilustração, vejamos o vocábulo/termo *mestre*, que, como todas as outras unidades lexicais, participa simultaneamente de vários microssistemas conceptuais e

seus correspondentes campos léxico-semânticos. Assim, se o analisamos no campo lexical ao qual subjaz o *conceptus* <<filho de Deus>>, *Mestre* entra em rede parassinonímica com *Senhor, Pai, Ele, Redentor da Humanidade, Salvador*; examinando-o, porém, no campo lexical correspondente ao *conceptus* <<níveis de títulos acadêmicos>>, *Mestre* entra em rede de co-hiponímia com *Doutor, Livre-docente, Titular*; no campo lexical ao qual subjaz o *conceptus* <<modelo a ser seguido>>, liga-se a *guia, paradigma, líder, modelo*; no campo lexical correspondente ao *conceptus* <<aquele que ensina>>, relaciona-se a *professor, docente, instrutor*; no campo lexical ao qual subjaz o *conceptus* <<guia espiritual>>, entra em rede lexical com *mentor, guia espiritual, guru*, etc. Constatam-se a relatividade e gradação dos tipos de relações que as unidades lexicais podem contrair: a) no sistema, nas normas, nos discursos-manifestados; b) numa perspectiva intra ou inter-universo de discurso; c) em microssistemas definidos por paradigmas sintáticos e semânticos diversos.

Por conseguinte, sinonímia e parassinonímia não são, como dissemos, estatutos inerentes à rede de relações entre unidades lexicais mas *funções*. Sua classificação depende da rede conceptual e lexical em que estiverem inseridas, dos universos de discurso, situações de discurso, situações de enunciação. Daí decorre o princípio da existência de uma variação de rede de remissivas, determinada pela *natureza e funções* dos diferentes tipos de dicionários.

6. RELAÇÕES ENTRE CAMPOS CONCEPTUAIS E CAMPOS LEXICAIS

Os conjuntos que constituem campos conceptuais e os conjuntos que configuram campos lexicais mantêm entre si diferentes tipos de relações. Assim, a um campo conceptual pode corresponder um e somente um campo lexical unitário;

a um campo conceptual podem corresponder: um campo lexical vazio (\emptyset); um campo lexical múltiplo do tipo sinonímico; um campo lexical múltiplo do tipo parassinonímico; um campo lexical múltiplo do tipo co-hiponímico. Esquemáticamente temos:

Campo conceptual	Campo lexical
O	O unitário
O	\emptyset vazio
O	O múltiplo, tipo sinonímico
O	O múltiplo, tipo parassinonímico
O	O múltiplo, tipo co-hiponímico

Figura 15

7. CONCLUSÃO

Observa-se que o processo de conceptualização, como percurso, é muito mais complexo do que a passagem do 'sentido amorfo' para o 'sentido formado'. Há etapas teóricas constitutivas do processo de conceptualização, entre um e outro. Assim, entre o sentido estruturável e o sentido estruturado, há a formação de um protótipo conceptual biofísico, núcleo noêmico comum a todas as culturas, que corresponderia ao *arquiconceptus*. A conceptualização compreende três níveis de traços semânticos conceptuais: as *latências*, as *saliências*, da semiótica natural, e as *pregnâncias*, enquanto escolhas do sujeito enunciator/enunciatário, determinantes dos traços semântico-conceptuais específicos de uma cultura, o *meta-conceptus*, e o conjunto de traços semântico-conceptuais modalizadores/manipulatórios/intencionais, o *metametaconceptus*. Daí decorrem diferentes tipos de campos conceptuais e de campos lexicais, de co-hipônimos e de parassinônimos; distintas relações entre elementos dos campos conceptuais e dos campos lexicais e léxico-semânticos, conduzindo à consti-

tuição de complexa rede, configuradora de uma ‘visão do mundo’.

Distinguem-se, ainda, o processo de *conceituar* e o processo de *definir*: o primeiro parte da realidade ‘fenomênica’, passa pela conceptualização, de que resulta um *conceptus*, constituído de traços semânticos conceptuais, convertido em semema lingüístico; o segundo parte do discurso manifestado, construindo um enunciado que é a expansão parafrástica de uma grandeza-signo.

BIBLIOGRAFIA:

- BARBOSA, M. A. (1998a) – “Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações”. *Acta Semiótica et Lingüística*, v. 7. (São Paulo, Plêiade), p. 25-44.
- _____. (1998b) – “Paradigmas de criatividade léxica”. In: *Hommage à Simone Saillard. Textures. Cahiers du CEMIA*. (Lyon, Département de Langues Romanes de l’Université Lumière Lyon 2), p. 385-405.
- _____. (1999) – “Campo conceitual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações”. In: *Revista brasileira de lingüística*, vol. 10 (São Paulo, Plêiade), p. 29-52.
- _____. (2000) – “Estruturas e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais”. In: *Acta semiotica et linguistica*, v. 8. (São Paulo, Plêiade) p. 95-120.
- BÉJOINT, H., THOIRON, Ph. *et al.* (1996) – “Notion d’ “archi-concept” et dénomination”. In: *Meta. Journal des Traducteurs*. (Montréal, Presses de l’Université de Montréal), p. 512-523.
- HJELMSLEV, L. (1975) – *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. (São Paulo, Perspectiva).
- PAIS, C. T. (1998) – “Conceptualisation, dénomination, désignation, référence: réflexions à propos de l’énonciation et du savoir sur le monde. In: *Textures. Cahiers du CEMIA*. (Lyon, Université Lumière Lyon 2), p. 271-311.
- _____. (1999a) – “Étude comparée de microsystemes de valeurs des cultures française et brésilienne: essai en sémiotique des cultures”. In: *INFO-CREA – Revue du Centre de Recherches et d’Études Anthropologiques*. Volume 6. (Lyon, Centre de Recherches et d’Études Anthropologiques de l’Université Lumière Lyon 2), p. 13-21.

- _____. (1999b) – “Semântica cognitiva, noêmica, semântica lexical e semiótica das culturas”. In: SILVA, D. F. e VIEIRA, R. (Orgs.) – *Ciências cognitivas em semiótica e comunicação*. (São Leopoldo, Ed. Unisinos), p. 13-50.
- _____. (2000) – “Aspectos de las visiones del mundo y de los sistemas de valores en culturas de la América Latina y del Caribe”. In: *Acta semiotica et linguistica*, v. 8. (São Paulo, Plêiade), p. 395-421.
- _____. PEREIRA, P. e ALISKI, A, (2000) – “Campanha para promover os transgênicos”. In: *Gazeta Mercantil*. (São Paulo, 04/09/2000), p. A-12.
- POTTIER, B. (1992) – *Sémantique générale*. (Paris, P.U.F).
- RASTIER, F. (2000) – “Para uma poética generalizada”. Tradução de C. T. Pais. In: *Acta semiotica et linguistica*, v. 8 (São Paulo, Plêiade), p. 445-470.

ABSTRACT: *This paper looks into some important aspects of both the conceptual and lexematic levels of the enunciation generative process of encoding et decoding. The study of the structures and functions of the standard units of the cognitive and the semiotic planes has a lot of significance to researchs in Lexicology, Semantics and Terminology. We first examine the structural and funcional complexity of the constructs of each one of those levels in order to propose a typology of conceptual and lexical fields; then, we analyze the different nets of relationships taking place intra and inter conceptual and lexical sets.*

Keywords: *Archi-conceptus; Conceptus; Meta-conceptus; Cognitive Semantics; Lexical Semantics.*